

Núcleo Histórico da Colônia: abandonado

A conservação de patrimônios não é prioridade dos governos. Há décadas assistimos ao abandono na Colônia Juliano Moreira do valioso legado histórico e cultural, que representa um passado marcado por dor e sofrimento de pessoas que lá viveram encarceradas. Preservar a memória e refletir é essencial para que situações semelhantes não mais aconteçam. Página 3



Antiga Casa Grande da Fazenda do Engenho Novo ou Sede Administrativa da Colônia Juliano Moreira.



Aqueduto ou Arcos da Fazenda do Engenho Novo, iniciada no Século XVII.

Casa de Cultura de Jacarepaguá na luta pelo acesso à Fazenda da Taquara

A Caminhada Cultural, desde 2023, leva moradores, estudantes e visitantes à Fazenda da Taquara, em roteiros educativos e afetivos, que resgatam a memória de Jacarepaguá. Agora o acesso foi proibido e não será possível continuar com a atividade. A Casa de Cultura de Jacarepaguá está lutando contra essa decisão absurda dos proprietários. *Página 7*

Thaís Ramos é talento puro no teatro e no marketing. *Página 11*

Moradores de Jacarepaguá reclamam da falta de água. *Página 4*

O Lar Integrado Amor Puro (LIAP) inaugura residência inclusiva no bairro Curicica. *Página 17*

Editorial

Cortes de investimentos sociais, jamais! Cinquenta bilhões de reais em emenda parlamentar, não! Taxação de grandes fortunas, sim! *Página 2*

EDITORIAL

Emenda parlamentar, não! Taxação de grandes fortunas, sim! Cortes de investimentos sociais, jamais!

O mercado capitalista e seus aliados de centro-direita no Congresso Nacional querem cortar gastos sociais. É impressionante a cara de pau dessa gente em condenar os investimentos sociais do Governo Lula. Condenam a vinculação de gastos de saúde e educação à arrecadação, o aumento do salário mínimo acima da inflação, o Benefício de Prestação Continuada (BPC) – destinado a pessoas idosas e a pessoas com deficiência e o auxílio-doença. Sem contar, que são contrários a aumentar os impostos sobre grandes fortunas.

Esse movimento do mercado financeiro e de parte do Congresso em querer restringir gastos com benefícios sociais pode ser visto como uma tentativa de reduzir o papel do Estado, buscando mais “austeridade” ou, em alguns casos, favorecendo interesses econômicos de curto prazo. Mas, por outro lado, cortar benefícios sociais comprometeria diretamente a vida de milhões de brasileiros, especialmente os mais vulneráveis.

Mas os economistas do mercado não falam uma linha em cortar os R\$ 50 bilhões de reais das emendas parlamentares. Nem deputados ou senadores se dispõem a cortar essa vergonha nacional. A questão das emendas parlamentares é um dos maiores paradoxos da política brasileira. Enquanto o discurso sobre cortar “gastos excessivos” e “corte de benefícios sociais” está sempre presente, quando se trata de emendas parlamentares — aquelas verbas distribuídas a deputados e senadores para serem “usadas” em suas bases eleitorais —, a situação parece ser tratada com um absoluto silêncio ou até mesmo uma resistência sistemática a qualquer tipo de reforma.

Essas emendas, que podem chegar a valores astronômicos como os R\$ 50 bilhões, são frequentemente vistas como uma espécie de “toma lá dá cá”, um meio de garantir apoio político dentro do Congresso. Isso gera uma enorme distorção nas prioridades do orçamento público. Em vez de ser distribuído de maneira estratégica para áreas que precisam de investimentos de longo prazo, como saúde, educação, segurança e infraestrutura, o dinheiro acaba indo para projetos locais, sem fiscalização e transparência, que muitas vezes servem mais para garantir a reeleição de certos parlamentares do que para atender à real demanda da população.

Isso se torna ainda mais escandaloso quando se observa que, ao mesmo tempo, esses recursos são “bancados” pela população por meio de impostos e contribuições, enquanto o discurso do mercado e de certos setores políticos é de austeridade, principalmente em áreas essenciais como saúde e educação.

E o pior é que o sistema de emendas impositivas, embora tenha sido legalizado com a intenção de dar mais transparência ao processo, muitas vezes acaba funcionando como uma ferramenta para fazer negociatas políticas, longe dos olhos do público. Não é à toa que a população vê isso como uma vergonha nacional, porque parece que a classe política está mais preocupada em garantir seu poder do que em resolver os problemas reais da sociedade.

Por isso, expressamos nesse editorial nosso entendimento político. Cortes de investimentos sociais, jamais! 50 bilhões de reais em Emenda parlamentar, não! Taxação de grandes fortunas, sim!

EXPEDIENTE

JORNAL ABAIXO ASSINADO JPA
O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

Conselho Editorial: Aguinaldo Martins, Almir Paulo, Anna Karolina, Carla Scott, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Douglas Aguiar, Ione Santana, Ivan Lima, Jane Nascimento, Luiz Claudio, Manoel Meirelles, Maraci Soares, Marcus Aguiar, Pablo das Oliveiras,

Renato Cosentino, Renato Dória, Roberto Senna (Cabral), Severino Honorato, Sílvia da Costa, Val Costa, Valmiria Guida, Vaneide Carmo, Vanessa Guida e Wladimir Loureiro.

Coordenação Geral: Almir Paulo, Maraci Soares, Sílvia Costa e Val Costa.
Diagramação e Arte: Jane Fonseca.
Gestora de Redes Sociais: Sílvia da Costa.
Revisão: Vânia Santiago.

JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64.

Críticas, sugestões e reclamações:

jornalabaixoassinado@yahoo.com.br | Tel (21) 97143-4821

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.



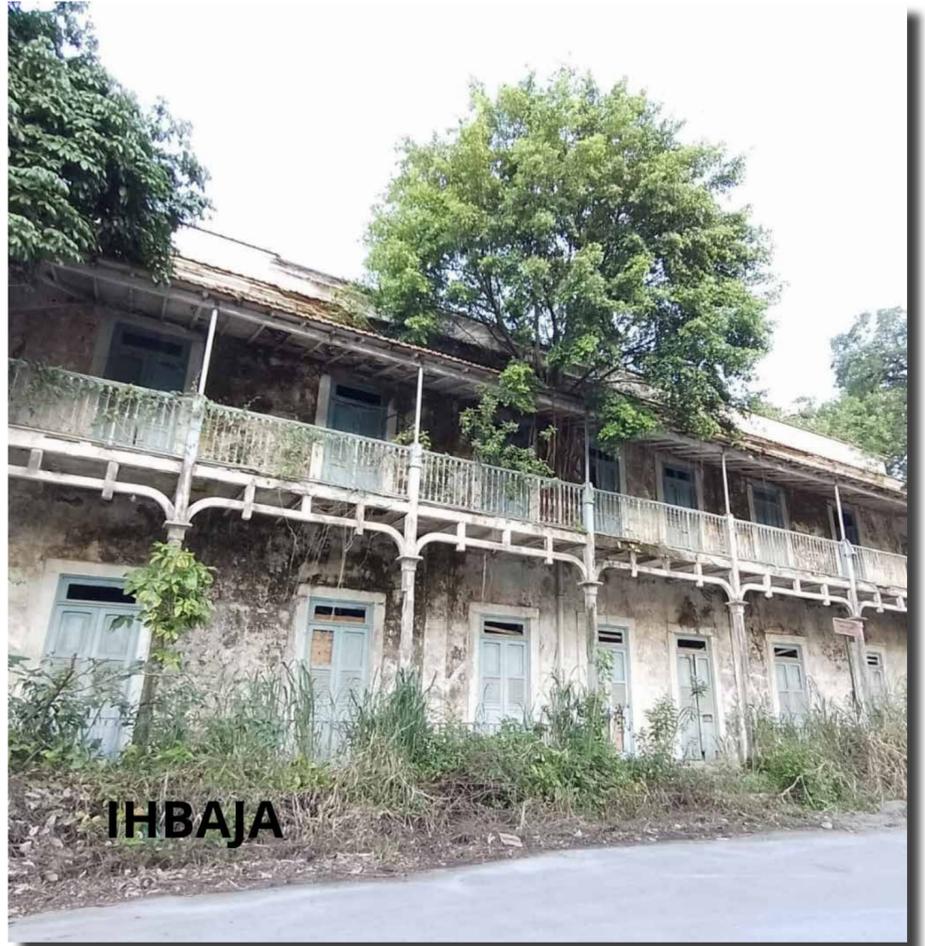
**Instituto Histórico da
Baixada de Jacarepaguá**

Janis Cassilia - Historiadora, Professora
de História e Pesquisadora do IHBAJA

Fazenda do Engenho Novo ou Núcleo Histórico da Colônia, patrimônio abandonado em Jacarepaguá

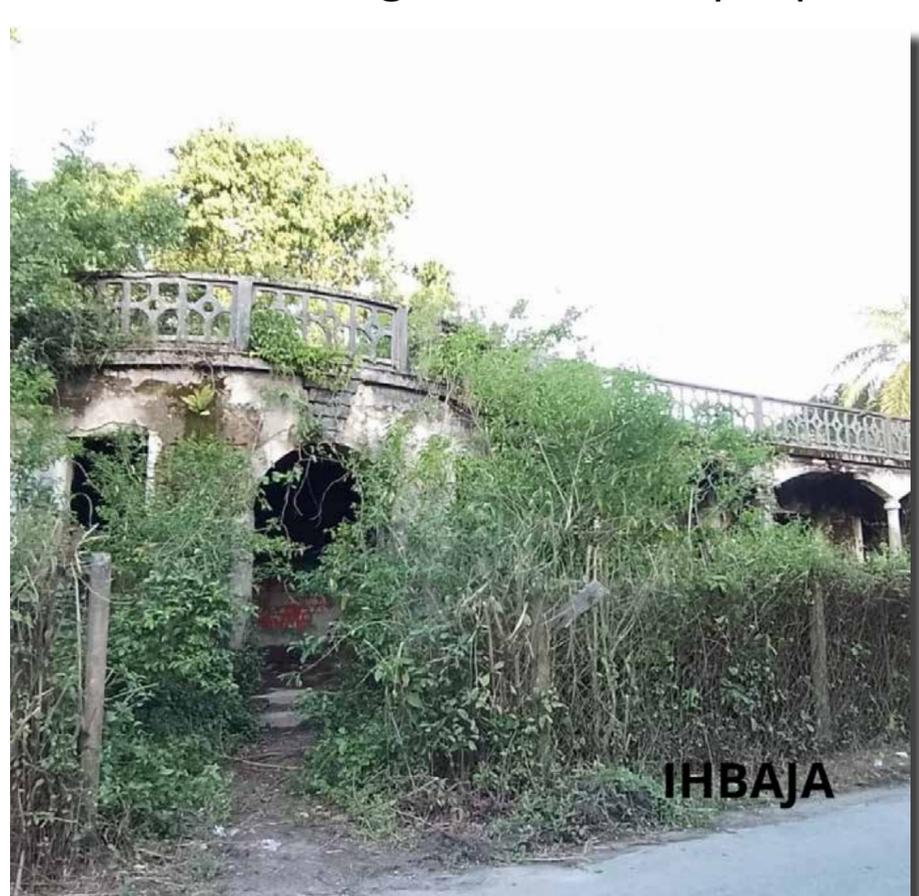
Dentro da área da antiga Colônia Juliano Moreira existe uma área com edificações consideradas de relevância histórica, e por isso, são patrimônio histórico e arquitetônico tombados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e pelo INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural) - órgão do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Trata-se do Núcleo Histórico da Colônia, ou Núcleo Histórico Rodrigues Caldas (NHRC), que possui as antigas edificações da Fazenda do Engenho Novo, engenho de açúcar e fubá do século 17 (XVII) e algumas edificações do início do

Acervo IHBAJA



IHBAJA

*Antiga Casa Grande da
Fazenda do Engenho Novo ou Sede
Administrativa da Colônia Juliano Moreira.*



IHBAJA

*Aqueduto ou Arcos da Fazenda do Engenho Novo,
iniciada no Século XVII.*

Acervo IHBAJA

ao Campus Fiocruz Mata Atlântica. Junto a elas temos o portal do antigo Engenho, o Chafariz, pavilhões 1 a 7 e algumas casas de funcionários, construções quando o Asilo de Alienados foi inaugurado na década de 1920. São construções tombadas e por isso, preservadas, porém encontram-se em estado de abandono e degradação.

O Conjunto Histórico Arquitetônico da Colônia está relacionado a diferentes períodos da história do Brasil e da história da re-

gião da Baixada de Jacarepaguá. A criação do Engenho Nossa Senhora dos Remédios data de 1653, quando as terras foram desmembradas da Fazenda do Camorim e vendidas. É deste período que ocorrem as primeiras construções na Fazenda como o aqueduto, o moinho e a capela de Nossa Senhora dos Remédios, utilizando o trabalho de mão de obra escravizada. Em 1715, o Engenho foi unificado ao Engenho da Taquara e em 1789 voltou a ser desmembrado novamente, agora com o nome Fazenda do Engenho Novo de “Curicica”, “Pavuna” ou “Jacarepaguá”. No início do século

XIX, ela passou a ser alvo de disputas familiares (a “Guerra dos Concunhados” em 1824), até que em meados do século XIX, após uma trégua (1868), dá-se continuidade para a construção e finalização de outros edifícios. É dessa época que vamos ter algumas das construções emblemáticas do conjunto arquitetônico, como a construção da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios (em 1862), da Casa Grande (sede) da Fazenda e finalização do Aqueduto.

Com o progressivo fim da produção de açúcar, muitas propriedades em Jacarepaguá entram em declínio. Em 1912, a Fazenda do Engenho Novo foi desapropriada pelo governo federal (decreto nº 9.743 de 31 de agosto) para a construção de uma Colônia de Alienados. Em 1924 ela é inaugurada utilizando as antigas instalações adaptadas para as novas funções em conjunto com novas edificações (pavilhões 1 a 7) que serviam como cozinha, enfermarias, refeitórios, lavanderia, etc.

É preciso mencionar que antes da criação da Fazenda e Engenho, a região que hoje é a Colônia tinha presença indígena (em especial a Tupinambá). Essa herança foi reforçada inúmeras vezes, principalmente no século XX, com as questões de preservação ambiental e valorização da cultura e história indígena. Como exemplo, cito a experiência da Rio 92 em que membros de diversas nações indígenas se dirigiram para a Colônia criando a Aldeia Carioca, local de discussão e encontro das lideranças indígenas envolvidas no evento.

O Núcleo Histórico, é portanto, testemunho material dos usos e visões acerca do território da Baixada de Jacarepaguá. Espaço de presença indígena, depois um lugar de produção agrária e monocultura, sustentada pelo trabalho compulsório de indígenas, negros e negras escravizados, onde a Casa Grande representava o domínio e poder dos senhores sobre as terras e pessoas, em uma fazenda de produção abundante, representando a visão da Baixada de Jacarepaguá como a “planície dos 11 engenhos”. Já no século XX, temos novas visões e usos do território colocados em prática na região. Local ermo, pobre e desassistido pelo poder público, passa abrigar grandes instituições médicas asilares, onde homens e mulheres pobres considerados loucos e/ou indigentes eram enviados de forma autoritária e lá viviam o



Ruínas de parte do muro da antiga Fazenda e muro do Núcleo Rodrigues Caldas, ao fundo observa-se parte da Igreja Nossa Senhora dos Remédios.

restante de suas vidas, regulados pelo poder administrativo e médico, que num primeiro momento (até 1951) ocupavam a antiga Casa Grande. Assim, salvo as novas construções de pavilhões e oficinas, as antigas instalações do Engenho Novo, continuaram exercendo simbolicamente ou efetivamente os mesmos papéis. A eles, ao longo do tempo, foram sendo construídos novos edifícios, pavilhões e serviços que ocuparam as terras da antiga Fazenda numa perspectiva de ordenamento e medicalização.

Já nas últimas décadas do século XX e início do XXI, novas configurações tomaram conta da região. Ocupações regulares e irregulares, intervenções urbanísticas, abertura de ruas, estradas e via expressa, reordenam o espaço



Antigo pavilhão 1 do Núcleo Rodrigues Caldas, parte do teto ruiu.

da perspectiva de moradias e mobilidade urbana. O Núcleo Histórico do Rodrigues Caldas, torna-se testemunho vivo das mudanças e também ruína do descaso pela memória e história. As construções desmoronam numa espécie de espelho da valorização que imputamos a esses patrimônios. Agora “escondidos” atrás de uma pequeno túnel para pedestres sob a Transolímpica, o Conjunto Arquitetônico do Núcleo Histórico Rodrigues Caldas resiste (ou não) sob o descaso do poder público. Diversas reflexões podem ser feitas diante do quadro. Para nós o que é patrimônio histórico? Para que ele serve? A preservação do patrimônio deve ser feita pensando apenas na rememoração acrítica do passado, ou deve servir também para lembrar e refletir, trazer novas significações e movimentos conscientes da renovação da memória no presente? O território das antigas Fazenda do Engenho Novo e da Colônia Juliano Moreira foram locais de riqueza, mas também de dor e sofrimento para indivíduos lá encarcerados pelos contextos históricos de seu tempo. Mas também pode e deve ser um local que preserva o passado, pensando um presente dinâmico, igualitário e mais diverso. É preciso abraçar essa “parte” da Colônia, que pode parecer abandonada e “escondida” atrás de uma via expressa, mas é o local de surgimento do hospital ou do bairro, ligado à vida de milhares de pessoas que por lá passaram. Ela é o registro da presença do homem, da intervenção, suas atividades, lutas e modificações do espaço e meio ambiente. A preservação e valorização deste patrimônio histórico e arquitetônico é urgente.

Acervo IHBAJA



Antigo refeitório ou cozinha do Núcleo Rodrigues Caldas em estado de ruína tomado pela vegetação e lixo.

Acervo IHBAJA



Felipe Lucena - Jornalista e roteirista

Moradores de Jacarepaguá relatam muitos casos de falta de água no bairro

O acesso universal à água potável e saneamento é um objetivo crucial do Dia Mundial da Água, que se celebra em 22 de março, e também do Dia Mundial do Meio Ambiente, comemorado em 5 de junho. No entanto, para moradores de Jacarepaguá essa meta tem entrado pelo cano - e não literalmente.

Desde o final do ano passado, moradores de diversas regiões do bairro têm reclamado da falta de água. No último mês de maio, o problema se repetiu quase que semanalmente em regiões de Curicica e Camorim.

"Foi semana passada, semana retrasada e agora essa semana. Nesse mês, pelo menos um dia por semana tem faltado água aqui na rua", disse um morador de Curicica no final de maio de 2025.

Os comerciantes sentem no bolso essas constantes faltas de água. *"Fiquei sem água e não consegui abrir o restaurante. Justamente nos dias em que eu tenho muito movimento. Quem paga meu prejuízo?"* disse um dono de estabelecimento no Camorim.

Nesse período, moradores da Rua André Rocha e Vila Aurora também relataram falta de água. No dia 28 de maio, algumas pessoas entraram em contato com a concessionária Iguá, responsável pelo abastecimento da região, para saber o motivo e foram informados que o serviço seria normalizado em 31 do mesmo mês.

O mesmo aconteceu com moradores da Vila Sapê e do Colônia. *"O pior de tudo é que desligam sem avisar nada para os moradores. No meio da semana, do nada, desligam a água e a gente tem que se virar"*, disse uma moradora do entorno do Museu Bispo do Rosário.

As queixas sobre a falta de informação são muitas. Em janeiro deste ano, quando estavam há mais de 24 horas sem água, moradores do bairro reclamaram de não terem sido comunicados previamente pela Iguá sobre a pausa no abastecimento para que reparos fossem realizados.

Pessoas que moram na comunidade Asa Branca, Rubelita e outras ruas próximas também alegam que o tempo de espera para a solução do problema é longo demais.

"Falta de respeito com idosos, crianças, cadeirantes, enfim, com todos! Agora é certo nós ficarmos em um calor de 40 graus sem água. E eles responderem que só em 72 horas que a água vai voltar! É absurdo", publicou a Associação de Moradores da Comunidade Asa Branca em seu perfil no Instagram à época.

A Iguá tem informado que realiza reparos pontuais na região e ações emergenciais para resolver o problema da falta de água.



Foto: Felipe Lucena

Não vão calar nossa história

Em defesa do acesso à Fazenda da Taquara

**Por Alexandra González*

Desde 2023, a Caminhada Cultural leva moradores, estudantes e visitantes à Fazenda da Taquara, nosso maior patrimônio histórico, em roteiros educativos e afetivos, que resgatam a memória de Jacarepaguá com respeito, conhecimento e amor ao território. Mas agora fomos proibidos de continuar com a atividade.

Durante a ExpoRio Turismo, na qual promovíamos com orgulho os Encantos do Sertão Carioca, recebemos uma ligação informando que não poderemos mais levar público à fazenda.

Esta decisão foi tomada sem diálogo, sem justificativa, e atinge diretamente o nosso direito constitucional de acesso à cultura, à memória e ao patrimônio ambiental.

A Fazenda da Taquara está inserida em uma Área de Proteção Ambiental (APA) e no Corredor Cultural e Turístico de Jacarepaguá, instituído por lei.

A propriedade privada não pode se sobrepor ao interesse público. Essa proibição é mais do que uma interrupção de um projeto. É uma violação dos nossos direitos coletivos. É o fechamento arbitrário de um lugar que pertence à nossa memória e ao nosso futuro.



Lideranças da Casa de Cultura de Jacarepaguá estão na luta

Por isso, vamos às ruas. Ato Público no dia 14 de junho de 2025. Concentração na Casa de Cultura de Jacarepaguá, às 14h30. Saída em passeata até a Fazenda da Taquara – na estrada Rodrigues Caldas.

Não será uma caminhada qualquer. Será um ato em defesa do nosso direito à história. Um grito coletivo por memória, cultura, dignidade e território. Quem ama Jacarepaguá, marcha com a gente.

#JacarepaguáResiste #FazendaDaTaquaraÉPatrimônio #EncantosDoSertãoCarioca #CorredorCulturalJPA #MemóriaÉDireito #TurismoDeBaseComunitária #CasaDeCulturaDeJacarepaguá #PasseataDoPertencimento #RespeitemANossaHistória

**Coordenadora da Casa de Cultura de Jacarepaguá*



Juçara Braga - Jornalista

Observatório
Popular

Herus, mais uma vida interrompida

O que significa perder o único filho assassinado aos 24 anos? Nenhum de nós é capaz de responder essa pergunta, exceto Monica e Fernando, moradores do Morro Santo Amaro, no Catete, Zona Sul do Rio, cujo filho Herus foi assassinado em uma festa



junina na comunidade onde vivia durante uma incursão da Polícia Militar no sábado, 07/06/2025.

Mais uma família destrozada pela falta de cuidado e respeito à vida humana por parte das Forças de Segurança do atual governo do Estado do Rio nas ações em favelas da capital e da Região Metropolitana.

Até quando? A realidade nos mostra cotidianamente que essa estratégia de guerrear, além de colocar em risco a vida de todos nós e, não raro, ceifar vidas inocentes, não reduz a criminalidade.

O crime organizado está cada vez mais organizado e a Segurança Pública só consegue mesmo é deixar a população do Estado do Rio cada vez mais insegura.

JORNAL **ABAIXO
ASSINADO**

Leia no
www.jaajrj.com.br
facebook.com/jaajrj

Impunidade Jamais! Por Luiz Fernando queremos justiça



A nossa colunista Vaneide Carmo viveu e vive um drama em virtude do brutal assassinato de seu jovem filho Luiz Fernando, de 27 anos, ocorrido no dia 5 de junho de 2024, na Cidade de Deus. Deram um tiro para matar mesmo. Um tiro de fuzil na nuca do jovem Luiz Fernando não é, e nunca será, acidental como afirmam os policiais.



Douglas Aguiar - Estudante de jornalismo

Falta de informação ajuda a estigmatizar transtornos mentais

Problemas de saúde mental têm se tornado cada vez mais comuns em todo o mundo. A ansiedade, por exemplo, atinge mais de 260 milhões de pessoas. Aliás, o Brasil é o país com o maior número de pessoas ansiosas: 9,3% da população, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). E não para por aí. Novos dados mostram que 86% dos brasileiros sofrem com algum transtorno mental, como ansiedade e depressão.

Todavia, muitas pessoas têm entendimentos errados sobre problemas psiquiátricos. O estigma e a falta de informação são fatores que contribuem para essa situação, levando a preconceitos e discriminação.

E esse estigma em torno da saúde mental faz com que as pessoas se sintam envergonhadas de procurar ajuda, o que dificulta o diagnóstico e o tratamento, levando inclusive à falta de informação.

Por esse motivo, muitas pessoas não entendem os sintomas e as manifestações dos transtornos mentais, o que provoca julgamentos e a ideia de que quem tem problema psiquiátrico é “louco” ou “desajustado”, o que ocasiona preconceitos e discriminação, impedindo que esses indivíduos tenham acesso a oportunidades e direitos básicos, além da piora dos sintomas, dificuldade de recuperação e isolamento social.

Um levantamento feito pela Vittude, plataforma on-line voltada para a saúde mental, aponta que 37% das pessoas estão com estresse extremamente severo, enquanto 59% se encontram em estado bastante grave de depressão. A ansiedade em elevado grau de intensidade atinge níveis ainda mais altos: 63%.

Algumas das pressões mais fortes podem vir do ambiente de trabalho: 20% dos funcionários ativos estão trabalhando sob forte pressão emocional, o que compromete a saúde física e psíquica, resultando em queda na produtividade, absenteísmo (faltas) e maiores taxas de contratação e demissão (troca de funcionário). Além disso, cerca de 32% dos trabalhadores brasileiros sofrem com os efeitos do estresse, um dos primeiros sinais da Síndrome de Burnout – segundo a International Stress Management Association (Isma-BR).

Outros dados recentes mostram que 49% dos trabalhadores no Brasil já tiveram crises de ansiedade, enquanto 44% dizem ter sofrido com o esgotamento mental em virtude do estresse profissional (Burnout),

Os transtornos mentais mais comuns são depressão e ansiedade. Apesar de serem problemas de saúde mental altamente divulgados, muitas pessoas ainda não entendem completamente os sintomas e as manifestações que caracterizam cada um deles.

De acordo, com o Ministério da Saúde, a depressão é caracterizada por sintomas como: tristeza profunda, falta de ânimo, pessimismo e baixa autoestima. O transtorno ainda pode “tirar” o prazer de atividades que antes eram agradá-

veis, provocar oscilações de humor e levar a pensamentos suicidas. “Para quem tem depressão, é tudo ou nada. Tudo é horroroso e nada está bom.”

Já o transtorno de ansiedade é caracterizado por preocupações ou medos exagerados – o que impede a pessoa de relaxar – e sensação constante de que algo ruim vai acontecer. O problema também traz muitas manifestações físicas, incluindo sudorese, palpitação, insônia, tremores, boca seca, dor de cabeça e tonturas, por exemplo.

Investir em saúde mental é um processo de autoconhecimento individual, coletivo e, nesse sentido, é fundamental que cada pessoa investigue e reconheça suas necessidades emocionais, desenvolva práticas de autocuidado de modo responsável e seguro, e saiba solicitar ajuda profissional.

ARENINHA
CULTURAL
MUNICIPAL
JACOB DO
BANDOLIM

ARENINHA CULTURAL ☎ (21) 3269-6251
JACOB DO BANDOLIM - JACAREPAGUÁ

Praça do Barro Vermelho s/nº Praça Geraldo - Jacarepaguá

60 ANOS TEMPOS DA

**JOVEM
GUARDA**
Tributo

SET.
SÁBADO
6 17h.

AL

Pádua



INGRESSOS
Symplä

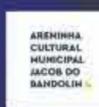
& Os Tremendões

INGRESSOS: ANTECIPADOS TODOS PAGAM MEIA R\$ 30,00 / R\$ 60,00 (inteira) R\$ 30,00 (meia entrada)
BILHETERIA DE SEGUNDA A SEXTA DE 10H. ÀS 18H. - SÁBADO 10H. ÀS 16H.

 **(21) 96460-5656**

JORNAL **ABAIXO
ASSINADO** JPA
20 O Jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

Apoio



CULTURA



Cíntia Travassos - Produtora

Thaís Ramos: do marketing digital para o teatro

Thaís Ramos, nascida e criada em Campo Grande, Rio Janeiro, tem 32 anos, e é publicitária e atriz. O seu interesse pelas artes vem desde a infância, quando ainda estava no maternal. Na época, sua escola apresentou uma peça baseada no Sítio do Picapau Amarelo, e ela ficou encantada. Gostava muito de pegar livros de histórias infantis, chamar uma amiga para montar uma peça adaptada, inventava danças com acrobacias e marcava uma data especial para apresentar à família e às vizinhas, com direito a lanchinho para os convidados no final. Atualmente, trabalha com marketing digital, tem uma empresa de marketing e tecnologia com seu marido e também trabalha como atriz, tendo participado de peças teatrais e de séries de *streaming*.

Fotos de Camila Curry



Belo registro da talentosa atriz e publicitária Thaís Ramos esbanjando carisma

Ela faz parte de um grupo de teatro com pessoas excepcionais, que conheceu durante o seu processo de formação em Artes Dramáticas na Esad, e tem realizado seus trabalhos em alguns editais de arte e cultura, como Edital de Cultura Firjan Sesi 2023, Lei Municipal do Incentivo à Cultura (ISS) 2024 e Mostra Regional de Artes Cênicas (Sesc) 2025. O grupo teatral do qual participa apresenta o espetáculo “O Gênio da Lâmpada e o Tempo”, escrito por Karla Muniz Ribeiro e dirigido por Wellington Júnior, que estreou em 2024.

O seu maior sonho, entre tantos, é poder viver verdadeiramente da arte, especialmente da atuação, levando histórias e reflexões para o público por meio do teatro, do audiovisual e de diferentes linguagens, e ver seu trabalho reconhecido, alcançando pessoas e impactando vidas, assim como foi impactada quando era criança.



Thaís Ramos se apresentando no Sesi Firjan de Duque de Caxias

Hoje, Thaís Ramos divide seu tempo entre o seu negócio e a atuação teatral, e sente que está trilhando o caminho que sempre desejou. Quer seguir crescendo, se desenvolvendo e alcançando novas oportunidades.

Quem quiser conhecer mais o seu trabalho basta acessar @thaís.raamos



Magnum Alves
Escritor - @mpa.escritor

Casa de Cultura de Jacarepaguá na Expo Rio 25

A Expo Rio Turismo 2025 reuniu representações de todos os 92 municípios do Rio de Janeiro, distribuídos nas 12 regiões turísticas do estado (Rio-tur.rio), como os produtores culturais de todas as localidades. Na programação, palestras, turismo de base comunitária, artesanato e um *tour* comercial que celebrou a diversidade e as riquezas do nosso território .

O evento destacou a importância do turismo como ferramenta de valorização da história e da identidade local. Foram abordados temas como patrimônios históricos, cultura afro-brasileira, igrejas antigas, produtores rurais, moda, gastronomia e arte popular. Guias caracterizados interpretaram personagens históricos que marcaram época — como o Bispo do Rosário, cuja genialidade inspirou a criação de um museu que leva seu nome.

Palestras sobre turismo, segurança e grandes eventos trouxeram reflexões sobre os desafios da organização, estimativas de público e o impacto do turismo fragmentado — aquele que, mesmo com menor concentração de visitantes, movimenta a economia de forma consistente e sustentável.

A Casa de Cultura de Jacarepaguá marcou presença com força e sensibilidade. Além dos guias e artesanatos, a fundadora e gestora Alexandra González levou poesia, empreendedorismo social de base comunitária e fez uma belíssima apresentação dos ‘Encantos do Sertão Carioca’, que agradou o público presente.

Das praias às montanhas, todos os territórios estavam representados na ExpoRio 25, um encontro que reafirma o poder da cultura em nos conectar com nossas raízes e construir novos caminhos.



Foto: Magnum Alves



Trilhar:

Consultoria criada por mulheres que unem gestão de pessoas e resultados em vendas

Sou Isabor, analista de Recursos Humanos com mais de sete anos de atuação na área, e compartilho aqui a história da **Trilhar**, uma consultoria que nasceu do propósito de transformar empresas por meio das pessoas.

Fundada por mim e por minha sócia, Laura, gestora com mais de dez anos de experiência nas áreas de atendimento ao cliente e setor comercial, a Trilhar une duas trajetórias complementares, movidas pela vontade de fazer a diferença no dia a dia dos negócios locais.

Ao longo da nossa caminhada profissional, identificamos um desafio comum em muitas empresas: o desequilíbrio entre os processos de gestão de pessoas e as metas de resultado. Percebemos que grande parte dos negócios tem potencial, mas enfrentam dificuldades quando o assunto é liderança, equipe e estratégia comercial alinhados.

Foi com esse olhar que criamos a Trilhar, uma consultoria que atua exatamente nesse ponto de encontro entre **resultados e pessoas**. Nosso trabalho é ajudar empreendedores e gestores a fortalecerem suas lideranças, desenvolverem seus times e criarem estratégias comerciais mais eficientes, com foco na prática e na realidade de cada negócio.

Mais do que oferecer soluções prontas, caminhamos junto com nossos clientes para entender suas dores, seus desafios e suas metas. Unimos o olhar estratégico do RH com ferramentas de liderança e vendas para gerar resultados sustentáveis, sem abrir mão da humanização das relações dentro da empresa.

Atendemos empresas de diferentes portes e segmentos, especialmente aquelas em fase de crescimento ou reorganização. Para nós, cada empresa tem um potencial único e é nosso papel ajudar a destravar esse potencial por meio de uma gestão bem estruturada e de equipes mais conscientes, engajadas e produtivas.

Acreditamos, acima de tudo, que **pessoas são o coração de qualquer negócio**. São elas que sustentam os processos, cuidam dos clientes e colocam a estratégia em movimento. É por isso que reforçamos sempre: **quem não entende de pessoas, ainda não entendeu de fato o que é gerir uma empresa**.

Na Trilhar, colocamos isso em prática todos os dias, ajudando negócios a se desenvolverem com consistência, propósito e, principalmente, com gente bem cuidada e bem direcionada.

Somos uma consultoria que une resultados em vendas com inteligência em gestão de pessoas. Combinamos experiências reais em RH, liderança e estratégias comerciais. Já impactamos mais de 300 profissionais diretamente. Destaques:

- +10 anos de experiência combinada
- +300 profissionais impactados

sobre nós



Laura Trindade

Coordenadora de Atendimento | Consultora de Vendas

É especialista em vendas B2B com 12 anos de experiência nos setores de telecomunicações, cursos profissionalizantes e desenvolvimento comercial. Graduada em Recursos Humanos e Gestão Comercial, e atualmente pós-graduanda em Gestão da Qualidade. Também assina a coluna "Mercado de Trabalho em Pauta", no jornal Abaixo Assinado, onde compartilha análises e tendências do mundo corporativo.

Isabor Dória

Analista de Recursos Humanos | Consultora de RH

Analista de Recursos Humanos com mais de 7 anos de experiência nas áreas de Gestão de Pessoas e Departamento Pessoal. Graduada em Gestão de Recursos Humanos e atualmente pós-graduanda em Gestão Estratégica de RH, atua também como colunista na seção "Mercado de Trabalho em Pauta", do jornal Abaixo Assinado.



JAAJ 20 Anos de Luta
em Defesa da Baixada de Jacarepaguá



Yakaré Upá Guá - Val Costa - Texto e fotos

O litoral carioca e a Geopolítica da Segunda Guerra Mundial

Com uma costa de 246,22 quilômetros de extensão, o litoral carioca apresenta alternâncias consideráveis: ora alto, quando em contato com as ramificações costeiras dos maciços da Pedra Branca e da Tijuca; ora baixo, trecho pelo qual se estendem as praias. Uma das áreas litorâneas menos populosa desse litoral é a Baía de Sepetiba.

Em 1941, essa baía foi considerada um dos pontos mais vulneráveis do então Distrito Federal em um documento de uso exclusivo do exército dos Estados Unidos. Esse documento deve ser entendido a partir das pretensões estadunidenses para o Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, materializadas em dois planos: o Pote de Ouro e o Lilás. O Plano Pote de Ouro, idealizado em maio de 1940, previa o envio imediato de 10.000 homens (Exército e Fuzileiros Navais) por via aérea ao nordeste do Brasil, para apoiar as forças do governo brasileiro, caso ocorresse uma invasão nazista. Já o Plano Lilás considerava dois possíveis cenários: no primeiro, o governo Vargas permaneceria no poder e permitiria a instalação de bases estadunidenses no litoral nordestino. No segundo, as bases seriam tomadas à força. Em fevereiro de 1942, foi criado o Plano Suplementar Lilás-Setor Rio. Lidava com um possível golpe pró-germânico e com uma eventual retirada do governo deposto de Vargas para o eixo Natal-Recife, onde o presidente seria protegido e iniciariam as operações ofensivas contra os insurgentes e contra as Potências do Eixo, em um avanço em direção à cidade do Rio de Janeiro.

Durante quase três anos da Segunda Guerra Mundial o presidente Getúlio Vargas se manteve neutro. Essa neutralidade acabou em agosto de 1942, quando vários navios brasileiros foram atacados por submarinos alemães e italianos na costa nordestina, obrigando Vargas a declarar estado de beligerância contra a Alemanha nazista e a Itália fascista.

O Brasil foi o único país da América do Sul que enviou soldados para esse conflito. Cerca de 25 mil militares da Força Expedicionária Brasileira (FEB) lutaram em batalhas no norte da Itália juntamente com o exército estadunidense. Em 2025, comemora-se 80 anos do fim dessa guerra, que resultou na morte de cerca de 50 milhões de pessoas em todo o mundo.



Parte do litoral carioca - Zona Oeste



Parte do litoral carioca - Zona Oeste



História da Região

Leonardo Soares dos Santos

Professor de História da UFF e pesquisador do IHBAJA

Ainda sobre História Local

Precisando fazer uma pesquisa sobre história local a nossa tendência é acessarmos o *wikipédia* em busca de informações. Em que pese as limitações de uma ferramenta como essa, ela é muito útil. Mas é preciso ter muita prudência com o que ela nos oferece. E tal advertência não tem nada a ver com as suas lacunas, pois todo tipo de fonte as tem. O grande problema é a concepção política e ideológica que vem embutida.

No que diz respeito ao tema da História Local é muito comum nos depararmos em verbetes sobre a história de um lugar (município, distrito, bairro, personalidade marcante de uma região ou época) com uma versão sobre as origens de um lugar que beneficie ou favoreça a versão que foi transmitida por décadas a fio sem nenhum questionamento. Um exemplo hipotético, para o que foi dito fique mais claro: “a história do bairro X tem início com a chegada de fulano Y, que recebeu uma sesmaria da Coroa portuguesa. Séculos depois parte dela seria adquirida pelo ciclano Z, que teria comprado de beltrana W, após a propriedade ter entrado em decadência com a libertação dos escravizados, fato que abalou a produção da área, que teria conhecido seu apogeu exatamente no século XIX...”.

Tal tipo de versão é muito recorrente pelo Brasil afora. Ela é problemática em todos os sentidos. A associação acrítica entre escravidão e apogeu econômico é uma delas. Outro ponto complicado é a versão que dá conta da cadeia sucessória de uma extensão de terra (seja ela uma fazenda ou todo um bairro). É muito comum que vejamos verbetes com afirmações do tipo: “as terras que hoje abrangem o bairro tal pertenciam a fulano de tal” ou “foram obtidas legalmente por beltrano de tal no ano X assim, assim, assim”. O que vemos ali nada mais é que a versão que corrobora - e às vezes sacraliza - a versão de uma das partes envolvidas nas disputas pelo controle de terra numa determinada área. Disputa que às vezes não se dá no campo jurídico (pois as terras há muito tempo não pertencem a uma determinada família, ou pelo menos boa parte delas), mas sim no âmbito da memória. Já que a versão sobre a cadeia sucessória de um lugar mexe com histórias, símbolos e a reputação de grupos familiares.

Atenção. O verbete não perde validade por isso. Muito pelo contrário. Para quem quer se aprofundar na pesquisa, ele passa a ser preciosíssimo. Por que se um verbete apresenta uma versão em jogo, a tarefa passa a ser desvendar as outras versões que foram omitidas ou apagadas. Pois temos que ter em mente sempre isso: não existe domínio sobre terras (ainda mais de grandes extensões) no Brasil que não envolvam disputas, conflitos, brigas e desgraças. Para que o domínio de um certo território tivesse sido possível por parte de uma família, cabe a nós descobrirmos contra quem esse domínio foi exercido. Toda terra no Brasil guarda muitos esqueletos. Por ela muito se matou. E ainda se mata.



Rodrigo Hemerly - Historiador & professor
professor.hemerly@uol.com.br ** www.historiahumana.com.br

A fundação da cidade do Rio de Janeiro no contexto Histórico da Expansão Marítima e Comercial

O artigo da coluna Fatos e Personalidades da Nossa História do mês de junho de 2025 do *Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens* versa sobre A fundação da cidade do Rio de Janeiro no contexto Histórico da Expansão Marítima e Comercial, e tem como objetivo básico esclarecer a população carioca sobre este assunto.

Com o processo histórico conhecido como Expansão Marítima e Comercial, os europeus conseguiram interligar as diversas partes do planeta Terra (ainda que de forma desigual) e, neste contexto, as terras brasileiras foram descobertas no ano de 1500, iniciando-se o processo de colonização do Brasil e, conseqüentemente, a fundação da cidade do Rio de Janeiro (março de 1565).

Diantedisso, a Coroa Portuguesa decidiu ocupar essas terras. Entretanto, além de elas já estarem ocupadas pela população indígena, foram cobiçadas por outros países europeus.

No caso do Rio de Janeiro, na região onde a cidade foi fundada, os tamoios se alinharam aos franceses (liderados por Nicolas Durand de Villegagnon) e os termiminós se alinharam aos portugueses (liderados por Estácio de Sá).

Assim, os franceses se instalaram na ilha de Serigipe (atual ilha de Villegagnon) e, a partir dessa situação, os portugueses se contrapuseram aos invasores. A Coroa Portuguesa, então, sentiu a necessidade de estabelecer no local um assentamento permanente, que acabou sendo o assentamento inicial da cidade do Rio de Janeiro, que ficava entre os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar e que, posteriormente, foi transferido em definitivo para o morro do Castelo (este morro foi derrubado/removido das paisagens carioca no ano de 1922).

Imagem Wikipedia



A Fundação da Cidade do Rio de Janeiro Estácio de Sá



Roberta Azevedo - Jornalista

LIAP inaugura residência inclusiva para pessoas com deficiência



Rodrigo Carvalho com os seus pais Reneide e Jorge Luiz na inauguração da casa inclusiva

O Lar Integrado Amor Puro (LIAP), instituição religiosa cristã e filantrópica, localizada na Curicica, que atende gratuitamente pessoas de 18 a 59 anos, com diversos tipos de deficiência, inaugurou, no dia 25 de maio, a residência inclusiva. O lar abrigará onze alunos com deficiência que são atendidos pela casa e que, em decorrência do falecimento dos seus pais/genitores, ficaram sem moradia, não têm a possibilidade de ser adotados e se encontram em situação de vulnerabilidade social.

A cerimônia de inauguração contou com a presença de mais de 150 pessoas, que frequentam a instituição e contribuíram com a construção da casa, construída num terreno adquirido em 2024.

“Finalmente, esse sonho tornou-se realidade. Ninguém realiza nada sozinho. Muitas pessoas se empenharam para dar o melhor aos nossos jovens. Foram 17 anos tentando semear. Durante a pandemia de covid, fomos inspirados a criar a casa inclusiva. O proprietário do terreno pegou a doença, a esposa dele faleceu e ele desistiu de vendê-lo. Em março do ano passado, ele casou-se novamente e resolveu nos vender. Agora que finalizamos a obra, iremos para outra fase. Atenderemos na casa nossos jovens com deficiência que não têm mais família”, contou Reneide Virgínia de Carvalho.

Segundo Jorge Luiz Soares de Carvalho, ele e sua esposa tentaram criar essa casa há 17 anos atrás, mas o sonho foi adiado por diversos motivos:

“Em 2014, o Brasil assinou um acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU) para criar as casas inclusivas para as pessoas com deficiência. Não queríamos criar uma clínica, mas sim um lar de acolhimento. Nesse espaço, os jovens sem família poderão viver felizes e serão acolhidos. Com a conclusão dessa etapa de construção da casa, faremos a implantação efetiva.”

Reneide explicou que a obra durou exatamente nove meses, o tem-

po de uma gestação, e que muitas pessoas trabalharam para que esse sonho se tornasse realidade. Ela fez um agradecimento especial aos pedreiros que construíram a residência inclusiva com muito amor.

O LIAP é mantido com as doações dos frequentadores do centro espírita, com os recursos oriundos dos eventos promovidos pela instituição e da venda do brechó, do bazar, da cantina e da livraria. A instituição também aceita a doação de mantimentos e itens de higiene pessoal.

Para ajudar, entre em contato:

Lar Integrado Amor Puro (LIAP)
Rua Porto Vitória, 10 – Parque Curicica
Tel.: (21) 2426-0539
www.amorpuro.org.br

Doações:

Banco Bradesco
CNPJ: 06.115.747/0001-71 (chave PIX)
Agência: 582-7
C/C: 89841-4

JORNAL

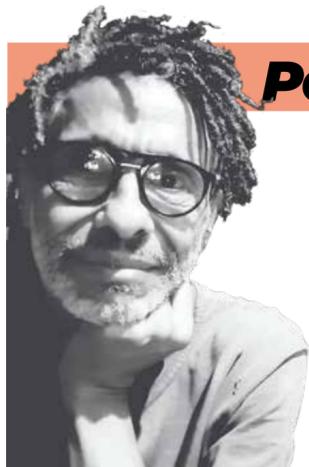
ABAIXO
ASSINADO

Leia no
[facebook.com](https://facebook.com/jaajrj)
[/jaajrj](https://facebook.com/jaajrj)

**O Lar Integrado Amor Puro (Liap)
promove a inclusão e o acolhimento
das pessoas com deficiência.** Leia na edição 183

Sede da LIAP





Pablo das Oliveiras - Professor & Poeta

Fábula: De lá pra cá... Daqui pra onde?

Conto 3: e o passeio?...

- Mãee, Ainda bem que parou de chover, né? Pra ir no passeio hoje, melhor usar tênis ou sandália?

- Ih! filha, vamos deixar isso pra outro dia... o tempo não tá nada firme... outro dia a gente vai...

- Ah... mãe, esse outro dia não chega nunca...

- Paciência filha!

- ... E se eu pedir a madrinha pra me levar?...

- Não senhora! A comadre tem trabalho e você não vai ficar chateando ela com isso.

- Não vou chatear nada. Ela gosta de passear... Tá sempre arrumada e não perde um forró...

- Maria Isabel, que história é essa? Quem lhe ensinou a tomar conta da vida dos outros...

- A madrinha, ué... ela é quase da família... Mãe, olha como vai ser legal, vocês duas passeando juntas, vendo as novidades... e eu e o Kevin também...

- Além da sua madrinha, você também botou o Kevin nesse *furdunço*... Bebel, Bebel você toma jeito!

- Olha lá, mãe, olha... não disse, a madrinha tá toda bonita! Mãe, vamos chamar...

- MADRINHA!... MADRINHA!...

- Para já com isso Maria Isabel...

- Sua benção madrinha...

- Deus lhe abençoe Maria Isabel! Boa tarde Joana!

- Boa tarde, comadre!

- Tá bonita madrinha! Vai pro forró?

- Bebel, olha o respeito...

- Hoje quem vai tocar é o trio Forró Cafuné, mas só logo mais... Joana, você e o Bira, quando vão aparecer por lá?

- Ihh... Dalva, o Bira está atrás de trabalho faz tempo... Pra esse mês, tá a encomenda do casamento confirmada. Difícil de arranjar tempo pra sair...

- Licença madrinha... Verdade, eu e mãe íamos num passeio, mas o passeio ficou pra outro dia.

A senhora topa vir também?...

- Comadre, não dê conversa pra Bebel, não... que hoje ela só fala disso...

- Madrinha, é que eu quero conhecer os lugares com nomes indígenas...

- E onde é que fica isso?

- Bem, eu só sei os nomes... Jacarepaguá... Tijuca... Maracanã... Ipanema... Guanabara e tem mais um monte...

- Ué! Até aqui, onde a gente mora...

- É sim madrinha. A senhora não sabia?....
- Bem... pelo que eu sei, Ipanema é um bairro muito grã-fino, não tem nada de índio por lá...
- É que *Ipanema* na língua dos indígenas tupi, quer dizer: “água ruim para nadar e pescar”...
- A comadre vai perder a hora, porque essa história da Bebel não tem fim...
- Joana, deixa a menina falar... que eu tô gostando dessa ideia...
- Eu sei madrinha, a senhora é investigadora, que nem eu e o Kevin...
- Bebeel... tu toma jeito!
- A nossa lista dos lugares indígenas tá quase pronta...
- Tá certo, Maria Isabel, eu quero ver essa lista depois... Comadre, tá na minha hora, eu vou indo...
- Tô servindo a janta... Vem Léo... Vem Bebe... Seu pai já chegou.
- Pai, eu mais a mãe e a madrinha vamos fazer um passeio... Vem com a gente... o Léo podia vir também...
- Dessa vez, eu não posso, filha, no próximo eu vou. Tá certo?
- Bebel, eu também não posso, preciso fazer mais entregas, pra pagar a prestação da moto.
- Tá booom... Ainda bem que tenho a madrinha, que gosta de forró e de bater perna...
- Isso são modos de fala Maria Isabel? E essa história de passeio tá indo longe demais...





Almir Paulo

- *"Acredite na sua força, lute pelos seus sonhos e celebre cada conquista como um troféu."*
- *"Não tenha medo da luta, pois é nela que se encontra a verdadeira essência da conquista."*
- *"A vitória é para aqueles que não temem a luta e persistem em seus objetivos."*

JAAJ é pra lutar sempre!

O *Jornal Abaixo-Assinado* nasceu da urgência em construir um espaço de resistência e expressão para os movimentos sociais e as comunidades locais, diante do silêncio da mídia tradicional. Lá se vão 20 anos – em 2005 saiu a edição zero. Sentimos a necessidade de criar esse veículo de comunicação comunitária e independente que representasse os interesses das comunidades locais, denunciando injustiças, mostrando os talentos culturais, fortalecendo movimentos sociais e servindo como instrumento de conscientização e resistência. Mais do que um evento pontual, foi o acúmulo de silenciamentos e invisibilizações das pautas populares na mídia tradicional que motivou nossa mobilização.

O *Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens (JAAJ)* é extremamente importante por várias razões, especialmente quando pensamos no fortalecimento da comunidade local e no acesso à informação numa região dominada por facções do crime e políticos de centro-direita.

Desistir não faz parte do nosso vocabulário. Por isso, aqui estão alguns dos principais motivos pelos quais nosso jornal é valioso na atual conjuntura:

1. Fortalecimento da Identidade Local

O nosso jornal valoriza a cultura, a história e as pessoas da região. Ele dá visibilidade a personagens, histórias e tradições que muitas vezes passam despercebidas na grande mídia.

2. Informação Relevante e Acessível

Nosso jornal traz notícias que realmente impactam o dia a dia dos moradores: mudanças no transporte público, obras nas ruas, eventos culturais, campanhas de vacinação, entre outros.

3. Espaço para a Voz da Comunidade

Nosso jornal de bairro oferece um canal para que os moradores expressem suas opiniões, preocupações e sugestões. Pode conter cartas dos leitores, colunas de opinião e denúncias locais.

4. Estímulo ao Comércio e a Mão de Obra Local

Nosso jornal ao divulgar negócios do bairro, promoções e serviços, ajuda a fortalecer a economia local, incentivando os moradores a consumir na própria região. E, também, realçamos a importância das pessoas no coração de qualquer negócio. São elas que sustentam os processos, cuidam dos clientes e colocam a estratégia de venda em movimento.

5. Educação e Cidadania

Nosso jornal através de reportagens educativas e informativas, contribui para a formação de cidadãos mais críticos e engajados, que conhecem seus direitos e deveres.

6. Apoio à Transparência

Nosso jornal muitas vezes fiscaliza a atuação do poder público local, cobrando melhorias, denunciando problemas e promovendo a transparência.



Um coletivo que faz à luta por melhores condições na Baixada de Jacarepaguá e na cidade do Rio de Janeiro - sem medo de ser feliz

Leitora e Leitor, precisamos de seu apoio para manter o jornal ativo.

Seja Assinante e apoie o Jornal Abaixo-Assinado

Para Assinar acesse www.jaajrj.com.br/catarse.me

Ou PIX – chave: (21) 97246-2213

Além de receber o jornal impresso bimensal em sua residência.

Você terá acesso a todo o conteúdo do jornal digitalizado em PDF, via WhatsApp.